

Ano II—N.º 7  
15 de Janeiro de 1938  
Preço 1 Escudo

# reporter.



## LER NESTE NUMERO

Como se empilham tuberculosos no Caramulo — A vida aventureira de Hitler — A mulher que foi jogada

# PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil  
e América do Norte

Agentes no norte da

## United States Lines

**Nicolau Ferraz**

R. do Loureiro, 60  
Porto Tel. 762

**Alegria! Arte!**

**Bom gosto!**

Só na revista

# MEXILHÃO

*É esta a grande revista do  
ano de 1932, que está fazendo  
a sua carreira triunfal no*

## Teatro Variedades

*Bôa música, bom desempenho,  
espírito, na revista MEXILHÃO*

no

## Teatro Variedades

# Café Nicola

O mais bem  
frequentado de Lisboa

**O mais aromático  
café da capital, que  
também se vende  
a pêso**

O bife "Nicola" come-se  
a qualquer hora

**Pelos melhores preços, e  
bem servidos, todos os  
arligos que se costumam  
vender nestes estabeleci-  
mentos**



## GRANDE HOTEL DAS DUAS NAÇÕES

Um estabelecimento  
modêlo, digno duma  
capital europeia

Nos vários  
apostos, con-  
fortáveis e aco-  
lhedores, com  
preços rasoáveis  
e que se podem  
dizer, estão ao  
alcance de todas  
as bôlsas, pode-

Um dos mais difíceis gêneros de comércio é, sem dúvida, aquele que à indústria hoteleira se refere, que precisa, mais do que qualquer outro, de um técnico especializado.

Por isso, por faltarem especialistas, é que tão poucos bons hotéis existem em Portugal que, felizmente, alguns existem. Um exemplo é o Grande Hotel das Duas Nações, um estabelecimento da especialidade digna duma capital europeia como Lisboa.

-se afirmar que o Grande Hotel das Duas Nações resolveu, no nosso país, o respectivo problema.

Por isso o hotel da Rua da Victória, 41, é o preferido pelos comerciantes e outras pessoas que da província têm que vir a Lisboa, sendo também o escolhido por turistas e outras entidades estrangeiras que nos visitam.

Instalado num edificio próprio, na Rua Augusta e Rua da Victória, 41, no coração da cidade, o Grande

Hotel das Duas Nações é citado pelo conforto, pela qualidade do seu pessoal, solícito, amável, atencioso, auxilia a demarcar a bôa impressão que em todos deixa o interessante estabelecimento da Rua da Victória, obrigando aqueles que uma vez ali se alojaram a nunca mais preferirem outro, havendo a acrescentar ainda que o asseio e a limpeza são dogmas intangíveis naquela casa.

Por isso recomendamos o Grande Hotel das Duas Nações aos nossos leitores, justificando assim a expansão daquele turista que dizia:

—Até que enfim encontrei um bom Hotel, onde se pode passar bem!

\* \* \*

# Homens & Factos do Dia

## Os chulos da política OU A política dos chulos...



**D**E entrada, e antes que as asas da fantasia aos que lerem este artigo se abram sobre as intenções do seu autor, uma afirmação clara, definitiva, categórica, queremos aqui deixar consignada: Temos igual consideração por todos aqueles que se batem sinceramente por um ideal, se sacrificam por uma ideia, lutam à luz clara do sol, honestamente, por um princípio, e por ele perdem a vida e tantas vezes a liberdade — esse dom mais precioso do que a vida e sem o qual a vida nada é e nada vale, Esta opinião que queremos manter firme no nosso espírito e nos nossos actos, quer ela tenha que se referir a monárquicos ou republicanos, a católicos ou ateus, comunistas ou integralistas, atitude que nada tem de subserviência ou abdicação, antes é uma atitude de respeito e equilíbrio social que é necessário que exista, coloca-me à vontade para publicamente denunciar uma nova classe de indivíduos que podíamos catalogar entre os chulos da política, nova espécie de maquereaux, verdadeiro caso de higiene social, de há muito pedindo uma vassourada enérgica que os leve para onde não façam perca nem dano.

Trata-se dos indivíduos que nunca tendo profissão conhecida e sendo possuidores de vastos registos na polícia por actos pouco recomendáveis, se apresentam em todas as épocas e em todas

as situações como eternos perseguidos... exigindo e dizendo merecer a solidariedade dos correligionários. E, caso extraordinário, esses indivíduos são sempre os mesmos. Estão no poder os democráticos? Eles afirmam-se perseguidos, impossibilitados de trabalhar, vivendo uma vida de angústias, e mantendo-se do auxílio daqueles que os acreditam. Cairam os democráticos? Pois os mesmos, os perseguidos de ontem continuam a dizer-se os perseguidos de hoje, sempre com direito a viver sem trabalhar, — eles dizem que não podem trabalhar... — exilados na própria pátria.

O facto que não teria importância e não mereceria o espaço que este artigo ocupa se se tratasse de dois ou quatro casos isolados, está tomando aspectos de epidemia, num abuso constante feito àqueles que tendo ideais, e que se vêem permanentemente cercados duma matilha de esfaimados que usando dos mais torpes processos, vivem dos incautos que conseguem burlar.

Sendo de condenar os que se propõem viver vida regalada com o esforço dos outros, abusando da sua confiança, mais de condenar e mais dignos ainda da nossa repulsa são estes profiteiros da política, chulos do ideal.

Exactamente aquilo que o homem tem de mais sagrado e guarda no âmago da sua consciência como em escrínio inviolável, as suas convicções políticas, é o objecto de exploração desses cavalheiros sem escrúpulos que são hoje quasi legião, num abuso de confiança que não é castigado pelos códigos, mas que a mais elementar moral condena.

Comparados moralmente aos mendigos profissionais, como eles vertendo lágrimas de crocodilo e emplumando-se

# reporter

O SEMANÁRIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-  
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai às sextas-feiras e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Loreto, 42-1.º — TEL. 2 8249 — LISBOA  
End. Electr.: REPORTERX — LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

com as mais variadas cores, desde o vermelho rubro às várias tonalidades do azul, constituem um capítulo novo

(Conclue na pag. 15)



— Que tipos tão exquisitos! Como se houvessem homens assim...

⊙ *homem de maior influência no mundo*

⊙ importante diário norte-americano The Chicago Tribune, num inquérito que há pouco abriu, e para o qual de todo o mundo recebeu respostas, fazia esta pergunta: qual é o homem de maior influência no mundo?

Esta pergunta, como é de calcular, obteve uma curiosa diversidade de respostas, tendo sido mais votados Edison, Marconi, Staline, Mussolini, Hardel, etc., obtendo este último nome a soma fantástica, verdadeiramente americana, de 13.858.672 votos.

E porquê esta influência tão grande do homem a quem a Chicago Tribune chama o condutor da mocidade e que tão poucos livros vende nos países latinos, onde a expansão da sua obra é limitadíssima?

Escritor fervente, de idéias sãs, é ele, nos países em que se professa a religião protestante, quem mais vende e quem dá directrizes aos novos. E assim se justifica que não venda os seus livros nos países latinos, onde quasi todos professam a religião católica; e porque os orientadores desta religião negam sistematicamente a sua propaganda aos livros de Henri Ardelt, a sua influência está limitada aos países norte-americanos e aos países do norte mais de metade do mundo.

A propósito justifica-se uma pergunta: — Será de facto Ardelt, como o proclamam os americanos, o homem de mais influência no mundo?

**Medicina Dentária**  
**Dr. Teixeira Coelho**

Membro de várias Sociedades Científicas do Estrangeiro  
DIPLOMADO pela Universidade de Coimbra e Faculdade de Medicina de Lisboa. Especializado em Bruxelas. Dignatário de várias ORDENS. Extração de dentes ou raízes, sem dor, desde 10\$00. Obturações temporárias desde 10\$00. DENTADURAS COMPLETAS desde 200\$00. PREÇOS MAIS BARATOS QUE NAS POLICLINICAS. ESPECIALIDADE EM DENTADURAS INQUEBRÁVEIS Calçada do Jogo da Pella, 4 (esquina da Rua do Socorro, em frente da Rua da Palma). CONSULTAS GRATIS AOS POBRES. EXTRACÇÕES DESDE ESCUDOS 2\$50

# A fome no país dos milionários

TODOS conhecem os Estados Unidos da América como sendo o país das coisas extraordinárias. Naquele país de maravilha e de lenda tudo é grande, e ali situamos o que de mais fantástico a nossa imaginação possa conceber.

E' o país dos milionários, e onde os «reis» se contam às dezenas, desde o «rei das velas de estearina», ao «rei das graxas para o calçado»: onde as cifras fantásticas, os «trusts» industriais, as tiragens formidandas dos grandes jornais, os grandes arranjos financeiros causam vertigens a pobres pigmeus como nós, os portugueses, que só conhecemos essas cifras de maravilha... por ouvir dizer.

Pois nesse país extraordinário, onde o Deus do Ouro parece estar em todas as casas, onde tudo é grande, também a fome é grande.

Ao lado da riqueza espectacular e humilhante dos grandes financeiros e industriais, vivendo ombro a ombro, estão os indivíduos a quem a crise atingiu; e assim, lado a lado, num contraste angustioso, vivem os esfomeados e os milionários.

«Grande nau grande tormento» — diz o adágio popular. Nada mais certo. E assim, no país das fortunas é onde o desemprego tem causado mais vítimas, e hoje é um facto que no país dos milionários é onde existem mais esfomeados.

E' preciso que nos apartemos um pouco desse nimbo luminoso que envolve todas as cidades norte-americanas para compreendermos que, ao lado dos mais luxuosos palácios, nesse mundo de opulência e de fausto que sempre envolve o bezerro de ouro, existem também os mais, que não têm que dar de comer aos filhos, e que a desgraça em toda a terra assentou arraiais.



Henri Ardelt

Os «sem trabalho» de New-York.



A polícia montada, de Chicago, dissolvendo uma manifestação de desempregados.



Num dos restaurantes gratuitos que Al Capone mantinha.

# O fidalgo português da Guyana



Uma leva de «libertos» da Guyana.



...há um português que todos olham com simpatia...

A campanha que agita toda a França, dos Pireneus à Bretanha, das classes mais modestas às élites mais puras, dos extremistas vermelhos aos conservadores contra o Inferno da Guyana, foi iniciada por um dos maiores *reporteres* da actualidade, Albert Londres, do «Petit Parisien». Foi Albert Londres, autor duma série formidável de obras de jornalismo sensacional, que incendiou a opinião pública não francesa como a de todos os continentes, onde é lido e respeitado como em França, esfarelado monumentos graníticos de tortura social e conduzindo a humanidade a iniciativas mais generosas e nobres, foi Albert Londres—diziamos,—quem, após uma longa estadia num inferno onde se queimam, numa lenta agonia de an-

gustias, milhares de vidas, revelou ao mundo a inquisitorial verdade da Guyana através dezenas de reportagens publicadas primeiro no seu jornal e depois num livro, *u Bagne*, que obteve um êxito brilhantíssimo. A denúncia eloquente, comovida, indignada que êle fez dêsse imenso Grand-Guignol provocou uma tal reacção que a justiça e o governo franceses se sentiram envergonhados de serem, teoricamente, os algozes daquelas multidões de desgraçados, (teoricamente, porque tanto o governo como a justiça, não visionavam, nem ao de leve, o que era o degredo da Guyana).

A tortura começa na viagem. Condenados — e alguns tendo liberto a cabeça da dentada fatal da guilhotina — *La Veuve* após, sabe Deus, que pesadelos e ânsias—são conduzidos para os *decositos* da costa bretã onde aguardam o navio-jaula exclusivamente destinado ao transporte daqueles mortos-vivos. São uns barcos inválidos em cujos porões construíram verdadeiras gaiolas, onde a noife é perpetua, onde encauam 20 e 30 homens num espaço insuficiente para dez; onde o ar nunca chega e o que chega vem ardente como a evaporação duma caldeira. Durante vinte e quatro horas esses infelizes não se vêem, não se movem, põdo-se uns de pé para que os outros possam repousar, prensados uns contra os outros, as carnes suadas a roçarem-se, os hálitos a empestarem mais ainda a atmosfera. Apenas vêem luz quando os guardas, duas vezes por dia, lhe levam um pouco de

de quem fodos os Jornalistas que visitaram a «Terra do Diabo», falam, com simpatia, que há 25 anos sofre os horrores do degredo por um crime passionnal e que oculta o seu nome.

comida e de água ou quando os vigilantes, na suspeita de qualquer conjura, abrem, de súbito, por entre os ferros, a pupila vermelha das suas lanternas eléctricas. Todas as tardes, como esmola piedosa, sóbem à tolda e têm... um quarto de hora para respirarem ar livre, um ar que, após o Equador, é fogo mas que, em contraste ao da jaula, lhes sabe à brisa nocturna de Nice ou de Cannes. Mas ainda há pior. Pobre daquele que, no desespero desta inquisição, ousa exterrorizá-lo. É imediatamente castigado, desce uns metros e é encerrado num cubículo do fundo do barco, mais tenebroso, mais asfixiante, mais tormentoso ainda. Se os outros vão em jaulas, como feras, êle vai em esquite, como um cadáver. Se os primeiros respiram uma atmosfera fétida e ardente, os «castigados» nem ar têm para respirar.

Uma vez desembarcados, começam outro calvário. O sol da Guyana parece que chameja não lá nas alturas do ceu, mas sim sobre a terra. Dir-se-ia até que Satan escolheu aquele sub-solo para instalar as suas forjas malditas. A certas horas do dia, ariscar-se a sair de casa, mesmo sem sair da sombra, é como cair numa bocarra de um forno; sair da sombra é ariscar-se à morte. Uns minutos dêsse sol são tão fulminantes como o contacto com um cabo de alta tensão. E eles são obrigados a trabalhar dez, doze e catorze horas por dia, como animais de carga, empapados em suor, sob a vigilância desumana e brutal dos guardas que não lhes consentem o menor desfalecimento, que não lhes perdoam o menor desespero. O alimento é o indispensável para que a fome não apresse a obra do clima. As comodidades das suas casernas seriam repelidas pelos cavalos de tiro, tão impróprias estão para cavalaria. Os mais fortes, robustos, saudáveis, resistentes, optimistas, consomem-se, numa rápida magreza que em meses os torna esqueléticos, que lhes transforma o crâneo numa mumificação que causa terror. E há sempre pior neste inferno! A menor falta tem logo punição. Pio do que o degredo comum são as ilhas onde os degredados são... degredados. Na Ilha do Diabo, por exemplo, onde esteve Dreyfus, pouquíssimos são os animais da fauna que se criam. O mais suave castigo da Guyana—aquele a que muitos aspiram e que, para o conseguirem, provocam propositadamente—é o da morte, porque na Guyana também existe guilhotina e carrasco! Por isso e apesar da severidade de vigilância, da tirania das punições, das feras que povoam as florestas virgens que cercam o degredo, apesar de todos os perigos e ameaças, suficientes para amedrontar os mais corajosos, as evasões são constantes, diárias mesmo.

(Conclue na pag. 13)

# AS AVENTURAS DE "V-12" O ESPÍÃO PORTUGUÊS O MANEQUIM DA CASA SINISTRA

(Conclusão)



Foi no «cabaret» Troika que madame Homero se encontrou com os «corretos» das «luvas»

## RESUMO DAS REPORTAGENS ANTERIORES

Xavier de Carvalho Azevedo, o único espíão português que serviu os aliados e que, como tal, se celebrou, usando a ficha de «V-12», após vários êxitos, como a descoberta de uma passagem secreta, subterrânea, sob a fronteira germano-holandesa e de se ter apoderado de um documento de alta importância, em casa de um «colega» alemão em que ele teve a audácia de penetrar, em Colônia (Alemanha) é encarregado de impedir que M.<sup>me</sup> Homero, esposa dum político estrangeiro, entregue ao inimigo uns envelopes contendo resoluções do Quartel General de Foch. Como a França não quer melindrar esse político, com cuja influência conta e que é incapaz de dar crédito, mesmo à evidência, tratando-se de uma má acção da esposa, «V-12» é obrigado a proceder com toda a prudência. M.<sup>me</sup> Homero dirige-se para Londres, passa uma luva a um velho fabricante de luvas, dentro da qual «V-12» presente que se encontra o documento, e pouco depois, vigiando o velho luveiro, defronta-se com este fenómeno: o velho encontra-se simultaneamente na sua fábrica, visível através da janela do seu gabinete, na fábrica e na pensão em que vive (a mesma onde se encontra M.<sup>me</sup> Homero e «V-12») a alguns quilómetros de distância. «V-12» corre a essa pensão e obtém a confirmação de que o velho luveiro esteve lá... «ao mesmo tempo que estava na fábrica». Entretanto chega à pensão o marido de M.<sup>me</sup> Homero, cuja partida de Paris e viagem para a Holanda os jornais tinham anunciado,

sem preverem a sua passagem por Londres; e como o porteiro disse-se que a esposa saía, deixa-lhe a caixa. Dentro dessa caixa estão três luvas, apenas.

## O MANEQUIM

O porteiro partiu com a caixa das luvas. Xavier fez mentalmente uma conta elemental:  $3 + 1 = 4$ . Ora os envelopes que M.<sup>me</sup> Homero escamoteara em Paris eram quatro. Os chefes estavam convencidos que ela só queimara três, ao julgarse perdida, ficando apenas com um. E se... os chefes se equivocassem? Se fôsse mais um ardil da dama? Se fôsse plano seu lançar a convicção de que possuía só um dos quatro envelopes, embora os conservasse todos? Se assim fôsse era necessário reconhecer que M.<sup>me</sup> Homero possuía um extraordinário domínio sobre o marido para o burlar até ao extremo de conseguir dele o transporte das luvas, na certeza de que ele não abriria a caixa nem investigaria o seu conteúdo... secreto. Mas, o que naquele momento o intrigava era a duplicidade do «velho das patilhas». Não havia dúvida que ele, «V-12», o vira na fábrica, à mesma hora que ele — velho luveiro — estava jantando na pensão.

Antes de emprender qualquer empreza «V-12» quis tranquilizar-se a este respeito. Voltou à Rua dos Anarquistas, ao «bar» fronteiro do prédio trágico; e mal o alcançou, lá viu, tal como o deixara, o velho das patilhas abançado à sua secretária, bem imóvel através da janela aberta, e apesar do frio intenso que fazia. Interrogado, o patrão do bar elucidou-o: «O velhote ainda não saiu dali, desde que o senhor se foi!» Havia um *truc*, pois — um *truc* que eu preciso resolver. Fixando-o, notou o seguinte detalhe: o velho lia atentamente um *dossier* mas não fazia o menor movimento, nem sequer o de preparar uma cachimbada. Ora sempre que o vira, fora dali, fôra a fumar cachimbo. Não era crível que um fumador estivesse tantas horas... sem fumar... «V-12» sorriu-se à pronta ideia que lhe acudira ao espírito. Ele fôra, em petiz, um dos mais afamados tiradores de pedras do seu colégio. Despediu-se do *barmen*, fingiu afastar-se, regressou à rua e à falta dum calhau (o asfalto de Londres não o permitia) desembolsou... um tinteiro originalíssimo que ele vira numa montra de Londres e que, como coleccionador, não resistira à tentação de o comprar, de sacrificá-lo! Que remédio! Colocou-se em bom lugar, mediu a distância, voltejou o braço como se fôsse uma hélice e disparou o pequeno embrulho (não valia a pena desempacotá-lo). O projectil bateu em cheio na cabeça do velho fabricante de luvas, mas este, em vez de levar as mãos à cabeça ferida, de se erguer, de gritar, de bra-

dar por socorro, de espreitar a rua, de ver quem o agredira, tombou como um *pim-pam-pum* de feira em que o jogador acertasse; caiu para o lado... Era um manequim!

«V-12» tornou a sorrir! Estava decifrado aquele enigma. M.<sup>me</sup> Homero provocara a sua atenção sobre o velho cúmplice passando-lhe a luva, fazendo-a cair, (de forma a deixar perceber que a luva continha um *popel*), procedera com toda aquela artificial timidez e embaraço, exclusivamente para o desviar do seu caminho e para o obrigar a seguir o velho. Enquanto o «V-12» seguisse o luveiro, M.<sup>me</sup> Homero teria os movimentos livres. De aí o manequim, que era a forma de espécar o espí ou uma eternidade frente à janela.

Caira! Mas... quem seria o último a ir?

## UMA SURPRESA DO «V-12»

«V-12» já não saiu da pensão. Às duas da manhã ouviu, do seu quarto, ruído de passos no corredor. Espreitou. Era M.<sup>me</sup> Homero. Desceu ao vestíbulo e falou com o porteiro. Quando ela voltou para cima, escondeu-se; esperou uns momentos e desceu também ao vestíbulo. O porteiro escabeceava. Perguntou-lhe — para perguntar-lhe qualquer coisa — a que horas partia o primeiro comboio para Oxford. «Há um às 5 da manhã; se é para o senhor, posso marcar-lhe bilhete, visto que uma hóspeda acaba de me encarregar de deitar um telegrama.» «Está bem. Compra-me uma primeira classe.» Depois, numa rápida resolução, acrescentou: «E de caminho deita-me também um telegrama.» Inventou um nome, um endereço, um texto, e deu-lhe uns *shellings*. A seguir, como que picado por uma nova ideia, voltou atrás e disse-lhe: «Espera. Eu tenho de ir próximo do telégrafo, e aproveito...» «V-12» marcou o seu impresso com uma pequena cruz no verso; e assim, antes que o porteiro tivesse tempo de escolher tirou... o que era de M.<sup>me</sup> Homero e partiu, sozinho. A luz do primeiro candieiro leu-o. «Homero — Central Hotel. Copenhague. Dez luvas serão hoje entregues e o portador parte amanhã.»

«V-12» podia esperar tudo, menos o que acabava de saber! O marido de M.<sup>me</sup> Homero não era um pobre apaixonado, cego por amor, um esposo de boa fé, casado com uma velhaca sedutora e burlesca! Era seu cúmplice, ou pior ainda: seu mandatário.

## O TROIKA

O olhar de Xavier de Carvalho extasiou-se recordando o epílogo desta aventura: «— Sofri horas terríveis — horas de desânimo — neste serviço,

(Continua na p. 13) |



A polícia assaltou a casa levando ordem de levar tudo quanto encontrasse

## CRIMINOLOGIA

## As mãos do estrangulador e do gatuno serão iguais às nossas?

**Um conflito entre a ciência e a realidade entre a sua classificação.**



As mãos de um estrangulador

**A**QUI está um problema curioso para ser objecto de controvérsias entre os cientistas: as mãos do estrangulador e do gatuno são iguais às nossas nas suas linhas anatómicas e na sua configuração? A ciência parece est' belecer uma diferença sensível, mas a experiência desmente por vezes esse critério. Qual das duas verdades está dentro das realidades adjectivas? E' difícil uma resposta verdadeira.

O museu do Instituto de Criminologia oferece-nos dois exemplos que acompanham esta crónica. As mãos do estrangulador, largas, sinistras, frias como as palmatórias dos colégios. As mãos do larápíio, delicadas nas suas linhas, mãos de modelo, mãos esguias e súbtis. As primeiras dando-nos a idéia de prensas que esmagam tudo; as segundas parecendo-nos luvas ou mãos de estátua egípcia.

Terão de facto os estranguladores e os larapíios mãos semelhantes às das gravuras? Tudo indica que a ciência se engana neste pormenor e que as excepções não podem, ainda neste caso, estabelecer as regras.

Nem todas as mãos de estrangulador são achatadas como no-lo indica a ciência. Poderíamos apresentar, em reifôrço desta tese, numerosos casos demonstrativos de que penitenciários condenados por estranguladores têm umas mãos mais delicadas do que as que nos são apresentadas como sendo as do gatuno.

O vam: iro de Dussel-lorif, o homem estrangulador, não tinha umas mãos idénticas às da gravura. Muito pelo contrário. Era um homem de mãos delicadas, de mãos vulgares sem a expressão de esmagamento.

Augusto Gomes — a transição é brusca porque estes exemplos bastam — não tem umas mãos de prensa, as mãos do estrangulador que a ciência no-lo indica. As suas mãos são vulgares, sem exageros, sem linhas grosseiras.

Alguns gatunos célebres, até carteiristas mesmo, têm mãos grossas, pouco delicadas, o que não quer dizer que não sejam das mais hábeis e súbtis na difícil extorsão do que é alheio.

Se as mãos servissem para identificar o criminoso a humanidade teria dado um passo largo em

frente, porque onde se denunciasse um estrangulador ou um larápíio haveria a prevenção de os fazer recolher à cadeia.

O Instituto de Orientação Profissional poderia, no exame antropológico e psicológico que faz à

criança sob uma base científica, descobrir «incontinenti» que este ou aquele rapaz, através as mãos, acusava certa tendência para o crime. E a medida profilática a adoptar seria a de o internar num estabelecimento que só o curaria quando o rapaz tivesse outras mãos...

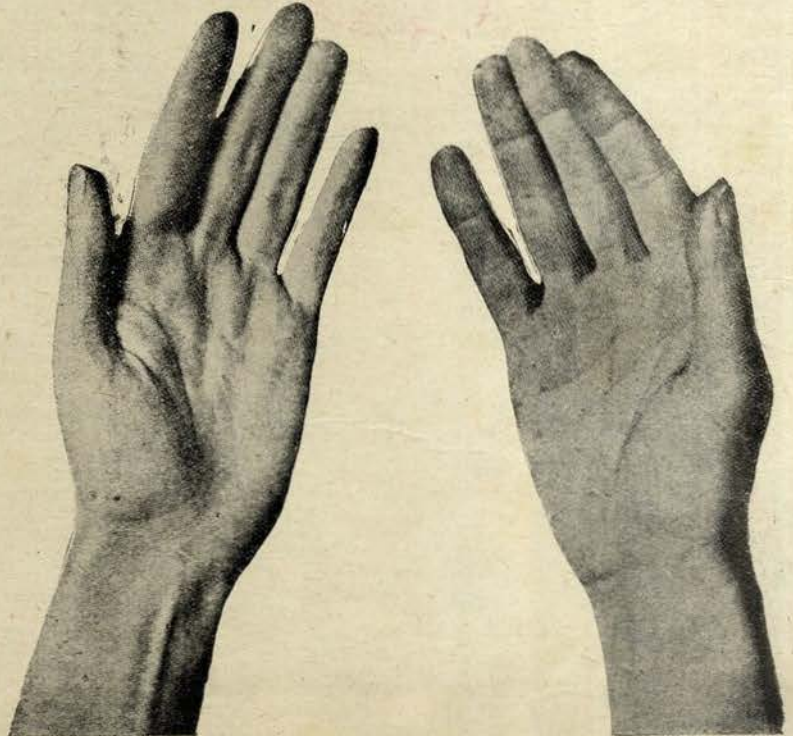
Por sua vez as Tutorias de Infância, quando recolhessem os criminosos precoces teriam de fazer um exame rigoroso às mãos dos internados, observando atenciosamente se estava ali um estrangulador ou um larápíio.

E dentro d'este critério, aceito este aspecto como regra, desgraçada da pessoa que tivesse mãos largas, de linhas grosseiras. Ou viveria eternamente na prisão, ou tinha de substituir as mãos...

A ciência, embora nos pese, não circunda a verdade com esta classificação. Não pomos em dúvida que as mãos de um ou outro estrangulador não sejam iguais à da gravura, o mesmo se podendo dar com os larápíios. Mas cremos que não passam de circunstâncias esporádicas sem nenhuma base aceitável.

Se nos transportarmos aos vários ramos do saber humano encontraremos artistas, de artes delicadas e súbtis, possuidores de mãos violentas e

(Continua na pág. 15)



As mãos de um gatuno

# O homem que mete medo ao mundo



de acôrdo com Moscow.»

## O PATRIOTISMO ALEMÃO... DUM HUNGARO

A maioria dos homens são feitos em série, os corpos e almas. Às vezes sucede que um corpo da série W sirva de envólucro a uma alma da série A. Os que nós julgamos *originals*, génios de criação formidável, pelo inéditismo do seu físico ou da sua obra, correspondem à inauguração ou experiência de um novo tipo, de uma nova série. Hitler não inaugurou série alguma. É uma cópia, a papel químico, de vários Hitlers, entre os quais, muitos saíram mais preferidos, nitidos e coerentes.

Fisicamente, os retratos que se multiplicam a diário pela imprensa estão longe de o reproduzir com fidelidade. Calculista por temperamento e bom executor dos seus próprios cálculos, ele não esquece um único detalhe que possa influir na velocidade da sua ascensão. Não ignorando a hipnose que o homem provoca ao homem—principalmente nas grandes massas—quando, após a lenda se apresenta, nivelado à sua lenda, como um ser de além-éter; tendo, como lição, os exemplos da História e os da actualidade, em que uma carantonha crispada como a máscara da cólera que afevelavam os histriões gregos, um gesto gran-eloquente, uma atitude quasi na fronteira do ridículo, mas sem lá chegar (pelo menos aos olhos do vulgo em psicose de idolatria) um discurso palavroso protestando contra os discursos palavrosos.

(«Nada de frases enganadoras e teóricas! Obras! Obras!») Hitler imitou Mussolini e todos os grandes pilotos do povo—todos, menos Lenine que era o único sem exteriorização, sem pose, sem encantos naturais ou aplicados. Mas se a sua alma se assemelhava à de muitos os que ele queira plagiar, se pertencia, pelo espírito, pela ambição, pelo cálculo, à mesma série, o físico era de tipo diferente, e difícil de adaptar-se. Plebeu de raça e através gerações, o corpo tinha a dureza e as desproporções que o excesso de trabalho muscular provoca. O crâneo tinha um pouco a forma cubista, estigma germânico, mas amolgava-se também, e mais nitidamente ainda, no estilo eslavo. Esta irregularidade craneana era a denúncia da sua procedência, visto que Hitler, o patriota alemão, o nacionalista sumo, o libertador da Alemanha, o germânico «chauvinista», o que exige uma pátria sem influências nem deidades estrangeiras, é húngaro; nasceu e foi educado na Húngria, ex-estado do império austríaco, mas tão pouco germânico que possui idioma e características próprias sendo, a custo de muitas represalias, que a Austria o dominou.

O húngaro Hitler estudou a trajectória da

em cujos ouvidos esses números melhor soam e cujas línguas mais o badalam tem a curiosidade de investigar a vida e a obra, que se oculta por detrás desses cartazes humanos, e qual a influência que pode

ter, não só nos destinos do seu país mas nos da humanidade inteira. E assim desfila pelos cabeçalhos dos telegramas jornalísticos e pelas palestras de café. Laval tomou a iniciativa de conferenciar com Rosenberg... Bruning está a preparar a resposta ao B. A. R. R. da S. da R. etc., sem que se tenha uma ideia positiva de quem são Laval, Rosenberg (o inglês, que o alemão já morreu) Bruning etc... Mas de todos esses nomes despersonalizados, o que tem retinido com maior estridência e frequência nos últimos tempos, o que ocupa mais espaço nas gazetas, o que os papagaios repetem com maior admiração e pasmo, e também o mais ignorado de todos, é, sem dúvida, o chefe do partido nacional socialista alemão, o generalíssimo e criador dos «nazhis», o espantalho da paz alemã e da paz mundial—Adolfo Hitler. E como o desbobinar vertiginoso da sua política o está aproximando, por milímetros, da realidade positiva e berrante dos seus projectos e das suas ameaças, urge apresentá-lo, radiografá-lo, defini-lo, sondá-lo, revelá-lo ao nosso público, tal como ele é e não como todos o supõem... Por mais duma vez indivíduos que, por temperamento, por birra, por pensamento, deviam ser admiradores de Hitler, exclamam: «Esse pedaço de bolxevista é um atrito vivo às verdades-eteras! O que precisava é que, etc...» Em compensação, outros indivíduos que deviam vê-lo em Hitler e nos seus fanáticos o símbolo de todos os perigos, o gongo de todos os ódios, o clarim dos inimigos dos seus amigos, animam-no, convencidos de que... «Esse Hitler é que vai meter na ordem a burguezia alemã e os imperialistas prussianos, satans da grande guerra. Eu creio que Hitler está trabalhando

EM Portugal, o eco das celebridades mundiais nasce e extingue-se sem que haja um jornalista piedoso que acrescente ao nome que a fama estralejou uma elementar definição biográfica. Verdade se diga que muitas vezes, tão pouco o público, nem mesmo aqueles



A continencia dos «Nazi»

sua própria ambição, e viu que lhe faltava uma arma poderosa: o físico componente, o cartaz-humano. Eis o primeiro golpe de astúcia, ou de velhacaria, que se lhe conhece na *étape* ascendente da sua carreira. É Karl Hoffmann que o revela, e merece ser contado pelo seu folhetinismo.

## O AVENTUREIRO E O HISTRIÃO

Foi ainda em Munich, quando Hitler, tímido e assustado ainda pela sua própria audácia, falava tão baixo nos *meetings* e congressos e assembleias que os camaradas necessitavam segredar-lhe insultos para o obrigarem a abaritonar a voz. Conheço um retrato seu dessa época; era um homem absolutamente diferente. Poucos profetisavam o incêndio que crepitara naquele insignificante brazido... Entre estes poucos estava o actor bavaro Ernest Luweck, outro ambicioso, e com talento... artístico. Luweck trabalhava então no Scala de Munich. Sempre que podia, assistia às *scenas* políticas de Hitler. Fez-se apresentar. Todos estranharam a rápida intimidade que os enlaçou. Todas as noites, após o espectáculo, Luweck ceava com Hitler no hotel daquele e, após a ceia, fechavam-se os dois nos aposentos do actor. Estas conferências prolongavam-se até às 2 e 3 da manhã. Quem passasse pelo corredor, embora não conseguisse distinguir o sentido das palavras, apercebia-se da importância das discussões travadas. Um jornalista curioso, o já citado Karl Hoffmann, quiz decifrar o enigma. Alugou um quarto vizinho, e como ha-

Hitler famoso, Hitler desconhecido — A lenda e a ignorância em redor de Hitler — As primeiras aventuras — Hitler, internacionalista e Hitler nacionalista — Como se aprende a «parecer» «grande homem» — O actor Luweck, professor secreto de Hitler — A mocidade do chefe dos «nazhis» — Em Munich — «Fala mais alto...» — Os paralelos entre Mussolini e Hitler — As duas damas misteriosas — O amor judio do inimigo dos judeus — O folhetim — A casa maquiavélica.

via uma varanda corrida, embora dividida por gradeamento, Hoffmann saltou-o, agachou-se, espreitou, ouviu... «Luweck era para Hitler (escreve Hoffmann no seu livro «Hitler inconnu») o que um professor do Conservatorio de Arte Dramática é para os futuros actores. Dividia a lição em várias partes: declamação, gestos, atitudes, jôgo fisionómico; teclava-lhe a voz como se dedilhasse uma guitarra, dava-lhe conselhos sobre o porte, a indumentária, etc.. A custo continha o riso ao vê-lo Hitler, o terrível, seguindo humildemente com o olhar as lições práticas do mestre e procurando excutá-las com a timidez *gauche* de um petiz de escola. E quando ele erguia a voz e esbrecejava num discurso feito no vácuo, como se tivesse à sua frente uma multidão, e Luweck o interrompia colérico, porque ele não executava à risca os seus conselhos, Hitler desculpava-se, vexado, triste, coçando a cabeça. Foi ainda Luweck que lhe indicou o bigodinho à charlot, o tipo de uniforme dos seus exércitos de «choque» etc..

Custou trabalho a Luweck, mas Hitler acabou por aprender a arte de representar, que ele lhe ensinou como um verdadeiro artista. E Hitler não é ingrato: Luweck ocupa um posto de destaque no partido, e, todos o afirmam, quando o seu aluno subir ao poder ser-lhe-há concedida a direcção do Teatro Municipal e a do Conservatorio.

## DO VERMELHO AO CINZENTO

O paralelo entre a vida de Hitler e a de Mussolini não é apenas um teórico argumento dos inimigos de ambos. Se Hitler pertence à *série* — nenhum número da série saiu tão semelhante como o Duce. Ninguém ignora que o Duce começou a sua vida como internacionalista, sindicalista, anarquista, que prêgou a revolução social, que conspirou, que atacou a policia, que organizou greves sangrentas, que esteve preso, foi expulso, que fu-

(Continua na pág. 13)



Um núcleo de forças de assalto de Hitler



A Companhia N. de Navegação

# Ficarão alguns vapores por vender?

**Porque não recebem os accionistas o dividendo aprovado na assembleia geral e que estava no balanço?**

NUM eco fugidio, publicado há já alguns números do *Reporter X*, afirmámos que os accionistas e os empregados da Companhia Nacional de Navegação não tinham recebido, como não receberam ainda agora, respectivamente, os dividendos das acções e as gratificações que lhes tinham sido atribuídos pela assembleia geral.

E senão vejamos o que dizia o próprio relatório, do qual transcrevemos este bocadinho, que vale tu lo quanto pesa:

•Concluindo, propomos que ao saldo de Esc. 8.301.038 seja dada a seguinte applicação:

Para consolidação do activo . . . . .	4.000.000\$00
Para fundo de Reserva . . . . .	1.100.000\$00
Para fundo de Reserva variável . . . . .	700.000\$00
Para dividendo de Esc. 18\$00 por acção . . . . .	2.340.000\$00
Para conta nova . . . . .	161.055\$00
	<b>8.301.055\$00</b>

Em 14 de Março o dividendo a entregar a cada um dos accionistas era de 18\$00. Pois até à data a que escrevemos este artigo nenhum deles recebeu ainda cinco réis da percentagem que logicamente lhes compete como únicos donos duma Companhia que, no dizer do mesmo relatório a que nos estamos referindo, obteve «um grande triumpho» com a sua administração.

E supõem os leitores que uma Companhia que não paga aos accionistas o juro do capital que lá têm enterrado e que já foi votado na assembleia geral, que não paga aos funcionários a gratifica-

ção que a assembleia lhes arbitrou, está em regimen de economia? Nada disso succede, e não leva jeito de vir a suceder. Tem dois presidentes com honorários fabulosos, tem o complicado negócio da compra de carvão, tem os operários que, pagos pela Companhia, fazem trabalhos nas residências dos directores, e, além de *muchas cosas más*, tem ainda uma chusma de empregados que, indo ocupar o lugar de velhos e honestos servidores da Companhia, só servem para guarda-costas dos seus directores que, pelas suas atitudes, acham motivo para ter receio. Falta dinheiro na Companhia? Dá a Londres uma saltada o sr. Rau — será o vendedor do célebre carvão? — e desfaz-se do «Pedro Gomes», o melhor barco da frota da Companhia. Falta ainda dinheiro? O facto de não serem pagos os juros das acções e as gratificações parece indicar que sim!

Mais umas voltas e, a qualquer preço, a Companhia entra em negociações para se desfazer do «África», e assim, vendendo a Companhia os seus valores e não



A sede, na Rua do Comércio, da Companhia Nacional de Navegação.

substituindo os barcos que se afundam — como succedeu com os dois últimos — o dinheiro vai aparecendo, embora pareça ser pouco, para os ordenados e percentagens dos directores.

E como podem os accionistas defender os seus interesses ameaçados? O Código Commercial prevê a que seja dada cópia da acta e a lista das presenças dos accionistas da assembleia geral em que se tomar deliberaciones, para que qualquer possa, em conformidade com a lei, reclamar a presençação de contas no Tribunal do Comércio. Pois, com um desprezo absoluto pela lei e até pelo decoro, o presidente da última assembleia geral entendeu que não devia fazer assim... porque não queria.

Mas há mais e muito mais, que o caso leva tempo a contar.

Continuaremos no próximo número.

## Uma estatística curiosa

# Quantos livros se vendem hoje em Portugal?

(Quantos se vendiam antigamente?)  
(Quantos se vendem no estrangeiro?)



A estatística não é apenas um *passatempo*, amável e ameno, de a' manaque: é, sobretudo, uma bússola que pode oferecer o rumo salvador, no meio das crises mais afflittivas. Estamos numa era de crises — a universal que agrava a nacional: e, dentro desta, mil crises isoladas e algumas tão antigas e repetidas que já tomaram foros de lugar comum. Entre as crises lugar comum, salientamos hoje a dos

Cont. na pg. 15

**AZBITE**

**SANTA CRUZ**

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

Em Lisboa e em pleno século XX!

# Jogou a mulher, a casa e a cabra... e perdeu

**P**OR muito que isto possa parecer inverosímil, temos de nos confessar vencidos perante a verdade dos factos; — nunca na nossa vida de *reporter* — e ela já não é muito curta — encontramos um caso que mais ferisse a nossa sensibilidade, que mais nos deixasse estupefacto perante a realidade, como aquele a que nos vamos referir.

Raro é o dia em que nos não é dado conhecer um facto real que vem contribuir com a sua cota parte para reforçar a couroça de que a profissão nos traz revestidos. E, tal é a imensidade desses factos, que raramente conseguimos impressionar-nos, debaixo daquela porção de pieguice que todos temos, até ao ponto em que nos encontramos ao redigir estas linhas. O caso de que nos vamos ocupar sobreleva todos os outros, por mais extraordinários que tenham sido e por mais extraordinário que isto pareça. Não porque seja a primeira vez que tenham chegado ao nosso conhecimento outros idênticos, através de leituras várias, mas porque nunca tivéramos ocasião de nos vermos frente a frente à realidade.

Agora, que acabámos de conhecer as personagens, cujos semblantes jámais se apagarão da nossa retina, já não é possível termos dúvidas.

Existe em Lisboa um casal cuja mulher foi ganha ao jogo pelo homem com quem vive. E' absurdo? E'! Mas também é verdade, e vamos demonstrá-lo.

Mas para que não possas ter dúvidas, leitor amigo, faze como nós, vai até ao Campo Grande, mete pela Azinhaga das Murtas, que passa por detrás do edifício do novo manicómio, e pergunta ali pela *Maria das Cabras*, e toda a gente te elucida da verdade, até a própria interessada.

A Azinhaga das Murtas é uma viela lamacenta, que é ocupada numa boa parte do seu leito por uma pequena ribeira, conhecida da gente do sítio pela *Alagôa*. Passado o primeiro prédio, à esquerda, com frente ao Campo Grande, vão-se encontrando, aqui e além, umas barracas miseráveis, tão miseráveis como a gente que lá mora dentro.

**Uma parada de vinte escudos — Um caso de psiquiatria? — Quanto pode a paixão do jogo — Uma novela passada na vida real.**

— é assim que o designam — onde mora a mulher que foi jogada e perdida pelo marido.

E' quarentona e robusta. Vende peixe. Na sua barraca vivem, além dela, o seu Pacheco, dois filhos de ambos e um filho dela e do jogador que perdeu ambos num momento de azar, ou de sorte, quem sabe...

O Pacheco, sexagenário, tem uma perna amputada, há cerca de um ano, devido a uma doença. Vive de esmolas, que mendiga no Campo Grande, onde pára todas as tardes. Na sua peregrinação acompanha-o o enteado, um côxo, farrapo humano, padrão a atestar, através dos tempos, a maldade e a corrupção de seus pais, passe o aforsimo.

Vive este Pacheco com a *Maria das Cabras*, também conhecida agora pela *Pachêca*, há cerca de 14 anos, não na mesma barraca, pois as suas vidas uniram-se numa outra que existia nuns terrenos da então Avenida do Parque, hoje Avenida Alferes Malheiro. O caso, então, fôra simples, dentro da sua enormidade: — o marido da *Maria das Cabras*, que ainda é vivo e habita lá para Xabregas, fazendo vida com outra mulher, jogador para quem o jogo valia mais que coisa alguma desta vida, depois de nada mais ter para pagar aos seus parceiros, pois já conseguira perder os poucos cobsres que amalhava, produto do seu trabalho como jornalista, teve uma ideia. O *Pacheco* com certeza que a aceitaria, tanto mais que não era lógico abandonar o jogo naquela fase. E, como se da coisa mais natural desta vida se tra-

tasse, fez uma parada de vinte escudos, dando como penhor a sua barraca, que lhe custara sete escudos, a mulher, um filho, uma cabra e um cachorro.

Acete a parada, rodou a sorte que foi favorável ao Pacheco; e o marido da *Maria das Cabras* saiu de casa, onde logo entrou e ficou até hoje o Pacheco, mais todo o *rechelo*, menos o cão, que não concordou em conhecer novo dono, irracional a dar lições aos racionais com quem vivia...

E não vá supôr-se que esta mulher, para quem não encontramos adjectivos, ficou pesarosa com a troca a que a obrigava a sorte de seu marido. Pelo contrário: — Que havia ela de fazer se a sorte tinha decidido assim? — perguntava ela.

E ainda hoje, passados já catôrze anos, ela não faz segredo da sua vida. Tôda a gente do sítio a conhece e tôda a gente a conta, e até ela própria, com quem falámos, fingindo querer esquivar-se a contar-nos o que acima fica exposto, mostrando-se zangada e ao mesmo tempo como que honrada por semelhante *feito heróico*, nos foi dizendo: — Isso não é bem assim... eu é que quiz viver com o Pacheco... o meu marido deixou-me de pois de fazer um negócio... que têm os senhores com isso?

E lá segue o seu caminho, praguejando contra as pessoas que nos elucidaram, como se elas tivessem alguma coisa com a sua vida...

E nós voltámos à redacção, satisfeitos por termos conseguido um grande assunto, mas ao mesmo tempo estupefactos perante um caso duma natureza que nunca nos fôra dado observar, cujos protagonistas bem-mereciam ser isolados do mundo, não só por uma necessidade terapêutica, mas também, e principalmente, por serem bem dignos de que os cientistas se entregassem ao seu estudo.

ALVARO ANSELMO

## GIMNÁSIO

Telefone 24363

HOJE às 9 1/2 HOJE

Grande êxito

### “Na Sombra,,

Original de ESTER LEÃO

Brilhante conjunto

Todas as noites às 9 1/2 um original Português de grande êxito

no GIMNÁSIO



A barraca onde vivem os Pachecos

Lá adiante, à esquerda, depois duma estância de madeiras, encontra-se o pátio

## PROSSEGUINDO...

## COMO SE EMPILHAM TUBERCULOSOS NO CARAMULO



Um casebre de madeira e zinco, a que chamam pensão Serrano.

**Uma pensão, maravilha arquitectural — Salvem-se as crianças do terrível flagelo — Ferós represália exercida sobre o fiscal dos ferroviários.**

SE o decreto publicado em 1927 e o seu regulamento tivessem sido integralmente cumpridos, ter-se-ia evitado que os funcionários civis tuberculosos sofressem graves danos.

De principio tudo caminhou regularmente. Dirigia a assistência aos funcionários uma *Comissão Directora*, que, com carinho e inteligência cumpria a missão em que fôra investida.

Já há bastante tempo que a citada comissão não reúne, e a esse facto se deve attribuir a falta de pavilhões, propriedade da Assistência, única e exclusivamente destinados ao internamento dos funcionários tuberculosos.

E, pela mesma razão, o côrte do subsídio, regalia concedida aos funcionários em tratamento em domicilio e que não pudessem ser sanatorizados. Esta disposição era justíssima e representa um péssimo critério e deshumanidade a sua falta de aplicação.

Há doentes que não suportam a altitude e que não podem ser hospitalizados; por consequência ser-lhes attribuido o subsídio é de elemental justiça. Evidentemente que às Juntas Médicas, a que se refere o regulamento do decreto 14.192, competiria determinar a localidade onde o doente teria de permanecer e, à comissão directora, fazer fiscalisar a aplicação do referido subsídio.

Não conseguimos apreender a razão determinante do não funcionamento da referida comissão. Somente sabemos que no Sanatório da *Guarda* e no de *Semide*, no Porto, pouquíssimos são os funcionários internados, isto é, precisamente onde o tratamento clínico e de enfermagem é cuidadoso, a desinfecção um facto, a alimentação abundante.

Em tempos, foi escolhido local, no vastíssimo parque do sanatório da *Guarda*, para ser construído um pavilhão, onde seriam internados os funcionários civis de ambos os sexos e até, mais tarde, as famílias que tinham sido atacadas do terrível flagelo, caso previsto no citado decreto.

Tudo ficou em projectos. A medida impunha-se, assim como um pavilhão em média altitude e outro em planície.

Arremessados para os ex-hotéis e pensões da aldeia de *Paredes do Guardão*, sofrem os rigores do inverno, péssima assistência clínica, falta de enfermagem, ausência de desinfecções, péssimos quartos e parca alimentação.

Não se pode attribuir o péssimo tratamento à falta de condigna remuneração. Depende a Assistência, exclusivamente para alojamento e alimentação, mais de mil escudos por cada funcionário de segunda classe, e mais de oitocentos escudos por cada funcionário de terceira!

E devemos frisar que tanto faz estar incluído na segunda como na terceira classe. O tratamento é igual.

Somente serve a avidez do official hoteleiro, que se locupleta com maior soma de escudos, enchendo, assim melhor a incomensurável «hurma»!

Este assunto de que ora nos occupamos tem sido tratado com o máximo interesse pelos nossos colegas de imprensa: *O Eco do Arsenal*, de Outubro e Dezembro; *Eco Ferro-Viário*, de Novembro e Dezembro; *República*, de 24 de Outubro e 30 de Dezembro; *O Comércio de Gata*, de 7 de Dezembro; *Montanha*, do Porto, de 15 e 21 de Outubro e 15 de Dezembro; *O Arsenalista*, de 30 de Dezembro, e *O Eco Telegrafo-Postal*, de 1 de Maio, 1 e 15 de Novembro, 1 e 15 de Dezembro e 1 de Janeiro corrente.

Nas suas colunas têm sido focados factos graves, como o abandono a que foram votados, no período mais agudo da doença, os funcionários dos correios, Manuel Gaspar Martins e Valério, ambos já falecidos. E é de arrearpiar a descrição que lêmos, no *Eco do Arsenal*, da miserável situação em que faleceu o guarda n.º 352 da Polícia do Porto, Damião Barbosa.

Que providências se tomaram? Nós não as conhecemos.

O que não ignoramos é que o contrato feito com os empreiteiros do Caramulo nunca foi cumprido.

Estabeleceu-se um enfermeiro para cada grupo de 40 doentes; consultas médicas de oito em oito dias, boa alimentação, cadeiras de cura, etc., etc.

E isto nunca foi posto em execução: continua a não haver a enfermagem; as devidas consultas; as galerias de cura; desinfecção rigorosa de roupas e louças!!

Há ainda pensões e hotéis que não têm aquecimento e possuem quartos impróprios de serem habitados por saos, quanto mais por doentes.

Há falta de casas de banho em termos e há lavatórios comuns!!

Tem, o Grande Hotel, salas de estar, mas faltam em alguns dos outros hoteis e nas pensões.

Centenas de doentes estão privados da mais rudimentar hygiene, e, contudo, centenas de contos enchem os cofres dos industriais da tuberculose.

A deficientíssima luz eléctrica, na aldeia de *Paredes do Guardão* — por onde se desseminam as casas em que estão internados os funcionários —, data dos primeiros meses do ano p. p., assim como a instalação telefónica!

Os funcionários é que desde 1928 para lá são atraídos, suportando o frio cortante como lâminas de bom aço toledano e todas as inclemências do abandono a que toram votados.

O Hotel Caramulo, que se jacta de ser o mais antigo, forneceu, anos, luz de carbureto!

Compreende-se facilmente o suplicio infligido aos pobres tuberculosos!...

A fumarada do carbureto sufocava-os, e, quando pediam uma vela para de noite terem iluminação no quarto, quasi que os arrasavam.

O Grande Hotel e o Central, antes da montagem da Central Eléctrica — que já num rigoroso inverno foi invadida pela água e esteve quasi a ir parar a Castellos —, tinham electricidade própria, mas o barulho produzido pelos motores era formidável. Tudo quanto há de melhor para o repouso...

Actualmente fazem-se, a todo o vapor, algumas obras.

Que mais prossigam; mas não auguramos que dali saia coisa de geito.

Tudo aquilo enferma de aleijão primitivo, e nunca a murro se endireitou um corcunda.

Devia existir na área isolada destinada exclusivamente a tuberculosos, e outra turística.

Assim como está não representa nada de útil. A promiscuidade com a população, o convívio nas seis tabernas, as crianças sujeitas ao contágio — ultimamente instalaram-se mais dois *arremédios de pensão*: a «*Mateira*» e a «*Rebello*» onde, na primeira, há nove ou dez crianças, e na outra quatro, — quartos abrigando portadores de bacilos e não bacilosos, ausência de desinfecção, falta de galerias de cura, matadouro instalado num nojento casebre, falta de rede de esgotos, acumulação de detritos, etc., etc., constituem assim um foco de infecção e nunca um local de cura e repouso.

E tudo isto se teria evitado se, ao fazer-se o contrato, se tivesse acatado, em troca das centenas de contos de réis, os interesses legítimos do Estado e do funcionário que: sofre, no seu parco orçamento, a dedução para seu tratamento.

Em tempos fez-se uma sindicância no Sanatório da Ajuda.

A que conclusões se chegou?

Que providências foram tomadas?

A nós parece-nos que as reclamações eram justas. E, se assim não foi, publique-se o contrário.

Da Ajuda, os funcionários ainda há pouco tempo saíram todos. Alegaram a grande fartura de alimentação e óptimas comodidades... Actualmente, julgamos que se pensa em arranjar uma sala só para internamento de funcionários. Que isto não vá de forma alguma prejudicar os indigentes, tirando-se-lhes os leitos, diminuindo-se assim e número a internar.

Muito pelo contrário. Os indigentes devem até vir a beneficiar no seu tratamento, com o lucro proveniente da admissão de funcionários. Assim é que está certo.

Muito melhor seria, construindo-se um pavilhão onde fôsem internados os bacilosos que não pudessem estar em altitude. Evitar-se-ia o internamento no Hospital no Rêgo, na enfermaria da in-



A pensão Serrano, tendo junto um pocilgo para porcos e um curral para cabras.

## EXPEDIENTE

## Serviços administrativos do «Reporter X»

Aos nossos amigos, leitores, correspondentes, agentes e fornecedores, foi enviada a seguinte circular que muito lhes deve interessar conhecer, pois se refere aos serviços administrativos do Reporter X.

*Ex.<sup>mo</sup> Sr.:* Tendo sido ditado amiavelmente o contrato celebrado em dois de Agosto de 1931, entre os signatários, cessou, em trinta e um de Dezembro findo, o exercício da administração da Empresa do Reporter X, a cargo, durante aquele período, do primeiro signatário, ficando estabelecido que as liquidações e cobranças relativas aos actos praticados durante essa administração (dois de Agosto a 31 de Dezembro de 1931) e, por conseguinte, a todos os fornecimentos e remessas do Reporter X ou Novela Policial, completem exclusivamente ao primeiro signatário e devem ser dirigidas para a RUA DO ALECRIM, 65, s/loja, LISBOA, sendo somente válidos com essa única assinatura.

Nestas condições fica V. Ex.<sup>a</sup> inteirado de que deverá fazer a sua liquidação, pagamento ou entregues ao primeiro signatário, Sr. MIMON ANAHORY.

E que os fornecimentos ou remessas do Reporter X, Novela Policial ou outras publicações da mesma Empresa Reporter X, feitos a partir do dia primeiro de Janeiro de 1932, devem ser exclusivamente liquidados com o Sr. REINALDO FERREIRA e enviados para as novas instalações e escritórios da Empresa Reporter X na RUA DO LORETO, 42, primeiro andar, LISBOA—para onde também deverá ser dirigida toda a correspondência, vales, etc. relativos à exploração, remessas, etc. das publicações da dita Empresa, a partir da data já indicada (primeiro de Janeiro de 1932) devendo toda a documentação, recibos, etc. serem assinados pelo Sr. Reinaldo Ferreira.

Chamamos muito especialmente a atenção de V. Ex.<sup>a</sup> para esta carta circular, afim de evitar confusões que podem originar dificuldades desagradáveis.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1932

(aa) Mimon Anahory, Reinaldo Ferreira

Os serviços de redacção e administração do «Reporter X», estão instalados na Rua do Loreto, 42, 1.<sup>o</sup>. Tel. 28749, onde se tratam todos os assuntos referentes ao jornal.

## O HOMEM QUE METE MEDO AO MUNDO

(Continuação da pag. 9)

giu, emigrou; que trabalhou como operário, pedreiro, carregador, que contagiou milhares de espíritos com as suas ideias, que se fez depois jornalista, panfletário—sempre militando na esquerda; que, de súbito, aproveitando a máxima vitória dos socialistas italianos (a expropriação das fábricas pelos trabalhadores) vitória que os vencedores não souberam usar, ficando apáticos a contemplá-la—até que as massas se cansaram e os conservadores reagiram, reviravoltou toda a sua política, criando mesmo uma fórmula, nem peixe nem carne, que agradava aos da extrema direita e aos da extrema esquerda; que, então, num prodígio de actividade e de habilidade, atraiu à sua volta milhares de partidários, recrutados em todas as zonas, e que por fim, marchando sobre Roma para implantar uma república socialista... se tornou num servidor-dominador da monarquia.

(Conclue no próximo número).

:: Visado pela Comissão de Censura ::

digência, porque não é admissível os funcionários ocuparem lugares que é da mais elementar justiça pertencerem a outros infelizes.

Em Coimbra impõe-se a rápida construção dum pavilhão, assim como no Sanatório da Guarda.

Enquanto isto não for possível, faça-se um contrato com a Guarda, procure-se aí o internamento e obrigue-se os contratários e hoteleiros do Caramulo a cumprir. Metam-se os industriais da tuberculose na ordem.

Se necessitassemos duma prova irrefragável do que vimos de escrever sobre os pseudo-sanatórios do Caramulo, tê-la-lamos ratumbante na deliberação tomada pela Comissão de Assistência Clínica aos ferro-viários da C. P.

Por sua ordem, retiraram daquela formosa estância de cura... os 40 internados, a quem foram concedidos subsídio e passagem para as suas terras.

Grande foi a alegria recebida pelas vítimas dos que vivem explorando a tuberculose, e grande foi a fúria dos hoteleiros, que, para se vingarem, recusaram alojamento ao empregado que a C. P. enviou para liquidação de contas e entrega de guias aos internados. *O referido empregado, que também é um tuberculoso, teve de passar a noite ao relento, deitado numa cadeira de cura!!*

Este procedimento é duma deshumanidade atroz e merecedor de exemplar castigo.

E' este caso largo e proficientemente tratado nas colunas do nosso colega *O Eco Telegrafico-Postal*, de 1 do corrente mês.

A gravura que publicamos é da Pensão Serrana. Como se vê, é um modelo de arquitectura absolutamente dentro das regras higiénicas...

E não se vá julgar que são melhores as outras pensões. A-pesar-de serem feitas em pedra, quasi todos os seus quartos são cubículos, e, bem há pouco tempo, uma houve que fez um grande melhoramento: uma acanhada galeria com uma rerete dentro!

Que providente foi o seu proprietário!... Como tudo isto é triste!

## As aventuras de «V. 12», o espião português

(Continuação da pag. 6)

Julgando-me vencido e pensando que deixava perder-se as vidas de 5.000 portugueses! Mas que alegria, a da vitória! Quando regressava à pensão vi, ao longe, M.<sup>me</sup> Homero ao lado do velho das patilhas caminhando num passito veloz. Seguiu-os a distância. Pouco depois viu-os entrar num *cabaret* russo,—o «Troika». Ela levava um embrulho, cujo papel reconheci: era o que empacotava a caixa das luvas... Julgando-me longe, de senti-nela ao manequim, iam desembaraçar-se dos documentos e receber a paga, que não devia ser pequena. Calcule a minha angústia ao vê-los entrar... e sair antes que eu tivesse tempo de entrar! Quer dizer: tinham entregue a alguém a caixa das luvas! Como descobrir entre os vinte ou trinta clientes da *Troika* aquele a quem fôra passada a encomenda? Havia só um recurso—louco, desesperado—mas que remédio!!! Telefonei para a policia e disse: «Mandem com urgência ao *Troika*, e n Kensington, uma *camionette* com uma brigada de agentes. Prepara-se um atentado contra Lloyd George!» Palavras mágicas! Lloyd George era presidente do governo! Dez minutos depois o *cabaret* estava cercado e era assaltado. Apresentei-me ao chefe da brigada e prometi-lhe esclarecê-lo na esquadra. Na esquadra revelei a minha identidade e pedi para revistarem todos os clientes. Que trabalho. Quantas vezes se começou a obra! Quantas me desiludi! Por fim, apareceu uma dama... com três pares de luvas. Era uma... dinamarquesa que servia de *correo* entre Londres e Copenhagen, ou seja e Berlim. Quando entreguei os quatro envelopes ao meu director, exclamou: «—Felicitoo—por dois motivos! Pelo belo serviço que prestou e pelos 5.000 portugueses que estavam irremediavelmente perdidos, caso estes papeis caíssem nas mãos dos alemães!

Confesso: de todos os prémios e elogios que recebi, nenhum me orgulhou tanto como este.

F I M

N. R. As aventuras do «V-12»... dão um livro que deve sair brevemente. Apenas publicamos... as que o simbolizam.

## O fidalgo português da Guyana

(Continuação da pag. 6)

Foi Albert Londres, já o dissémos, quem abriu fogo contra a Guyana, visitando-a, vendo-a, escutando os lamentos dos degredados, assistindo à sua angustiosa gonia. Depois dele tornou-se moda no jornalismo francês realizar inqueritos sobre a Inquisição da Guyana—e contam-se por dezenas os *reporteres* que lá têm estado plagiando a obra de Londres.

...Informou o governador: «Está condenado por um crime cruel, embora tendo como causa... o eterno motivo: as mulheres, ou antes *uma mulher*» Albert Londres foi parco em referencias, mas os outros *reporteres* que lhe sucederam, todos o citam porque a todos foram oferecidos os serviços do nosso desventurado compatriota. Entre esses jornalistas, Octave Muscat, que «envoyé special» de *L'Ami du Peuple* e colaborador do *Vu*, escreveu, no primeiro (*L'Ami du Peuple*) de 5 de Dezembro último o que segue: «Sei apenas que o seu nome de baptismo é Eduardo. Sempre que chega à Guyana um jornalista, Eduardo rejubila, porque já sabe que vai ter umas semanas ou meses de convivência intelectual. E' pasmoso que um homem com o espirito e com a cultura de Eduardo tenha cometido um crime tão grave para merecer a pena perpétua. O seu porte não pode ser mais conforme com o papel que desempenha, o papel de criado, mas não abdica tão pouco daquela subtil personalidade que, sem exteriorizar orgulho, revela distincção e denuncia a sua elevada procedência. Se o seu «senhor» lhe oferece pretexto a palestrar, procura saciar a sua sôfrega curiosidade intelectual, indagando o que se passa no mundo literário, que livros sem têm publicado, que escola está na moda...»

Segundo Octave Muscat o «fidalgo português da Guyana» é alto, magro, tem olhos claros e uma cicatriz na face esquerda. Que nome, que apelido, que titulo e que tragédia se oultarão por detrás d'este degredado?

## O desaparecimento do antigo imperador da China

O problema da Mandchuria, ou seja a luta entre japoneses e chineses está na ordem do dia. E' o assunto de todas as conversas, o pretexto de reuniões de organismos da mais alta importância como a Sociedade das Nações, mas no fim de tanto trabalho continua-se na mesma, ignorando-se como terminará a questão.

Para mais, ainda, o problema apresenta ainda outra complicação: para onde desapareceu o antigo imperador da China, de quem os japoneses queriam fazer rei da Mandchuria independente? Mistério! Depois de porfiados esforços, parece que se levanta uma ponta do veu. Consta-se que, neurastenizado com a luta dos seus partidários fugiu... para assistir à representação do *Estaladinho*, a engraçada revista do teatro Maria Vitória. Pelo menos uma coisa se prova: que o moço imperador tem bom gosto e sabe escolher onde há boa música, arte e alegria.



# TEATRO



Uma estreia em Lisboa e outra em Leipzig — Uma sátira a Carlos Amaro — Remarque, autor teatral — Empreza-rios e... empreza-rios — A história de certas pateadas — O género «Palais Royal» e o padre da «Morte Louca»

## «Premières»

EM PORTUGAL

**NACIONAL:** «*S. João subiu ao trôno...*» original de Carlos Amaro. — Durante muitos anos travou-se nos meios literários, e os nossos não dispõem de outros *cercles* além dos cafés, uma luta, por vezes cruel, entre o convencimento forte do seu próprio valor, a ânsia de glória, o sonho de uma grande obra que ardia na alma de Carlos Amaro, e os ortodoxos da crítica verbal, os caricaturistas inclementes das sátiras e das «blagues». Foi nessa época que um poeta humorista improvisou uma quadra que veio, rabiando, até às vésperas de «S. João subiu ao trôno...»

Carlos Amaro tem *Gênio*,  
*Gênio* com grande G...  
Mas é como o oxigénio:  
Existe, mas não se vê...

A sátira estava errada e era injusta. Poeta que avançou a sensibilidade da sua geração, espírito de invulgares recursos criadores, imaginação simples e tranqüila, Carlos Amaro é, foi sempre, um artista da palavra. O autor da sátira, preocupado apenas com o seu humorismo, não fez pontaria certa... Carlos Amaro, como a grande maioria dos literatos portugueses, lutando contra a estreiteza e indiferentismo do meio que não lhes permite, salvas raras excepções, uma constância, um desabafo e uma técnica profissionais, só pode dedicar à sua obra umas férias de amador. E não lhe sendo possível encarar tecnicamente, profissionalmente, as circunstâncias exteriores que cercam cada uma das suas obras, confia apenas no seu instinto, e na sua inteligência, isolada do movimento e da oportunidade. Essa confiança, que não é orgulho ilegítimo mas talvez resignação, é que aparenta falsamente as razões que inspiraram a sátira.

A crise do nosso teatro é apenas uma crise de peças. O público enche o teatro, sempre que sabe, de certeza, que êle lhe oferece uma obra que corresponda ao seu sacrifício económico e financeiro. Ora nem empresários nem autores (referimo-nos aos que formam maçonaria com aqueles que são os únicos que têm o direito de ver as suas obras à luz da ribalta) atendem a esta naturalíssima exigência. Longe de nós aconselharmos o servilismo ante o mau gosto de qualquer maioria. O segredo do êxito de uma peça não é monopólio do baixo pensamento e da



O actor Estevam Amarante,  
que no Porto está obtendo  
grande êxito

inversão à arte. Qualquer que seja a altitude da sua idéa ou o refinamento do estilo, pode entusiasmar a massa mais ignorante, se o autor fôr suficientemente profissional para urdir um envólucro diáfano e agradável. Carlos Amaro, não possuindo o treino de um profissional, quis defrontar-se com esse problema do nosso teatro, escrevendo *S. João subiu ao trôno...* A ideia da obra podia dar uma peça hermética, destinada apenas à elite, destinada apenas a um público que não existe no nosso país, e se existe, não frequenta teatros. Mas não... *S. João subiu ao trôno...* tornou-se numa peça... para crianças. Esta dedicatória tem algo de irónico, mas revela grande astúcia por parte do autor. Ambicionando fazer uma obra honesta mas que estivesse, ao mesmo tempo, ao paladar do público, criou, na intimidade de seu espírito, a visão duma platéia infantil, porque o que fôsse acessível e agradável a uma ranchada de peizetes estaria, pela certa, ao alcance do público em geral. Bastava esta atitude generosa e inteligente, valorizando a essência puríssima da peça, para Carlos Amaro ter direito não diremos já ao *G* maiúsculo do *Gênio*, mas ao *T* grande do *Talento*... Se ao seu esforço técnico faltou, por vezes, a virtuosidade do profissional matreiro, é preciso reconhecer que aos *próprios profissionais* do nosso teatro (os raros, os tais, os da maçonaria de certos empresários) não sobra técnica moderna nem uma cultura teatral que envergonhe a de Carlos Amaro.

*Mise-en-scène*, o suficiente. A interpretação foi confiada aos *novos* da Companhia do Nacional, que, pelo menos, deram ao conjunto mocidade...  
**ESTRANGEIRO:** «*Scala*» de Leipzig. — «*Wanderer*» — de Remarque. — O autor do romance mais lido e discutido dos últimos anos, «A Oeste nada novo», experimentou o teatro. Aqueles críticos que só tomam contacto com as obras quando o público as aponta, disseram que Remarque inaugurara uma nova escola de romance, porque não leram o «Sangue e Neve» do húngaro Runstack, nem o «Pierre hamaine» do russo branco Dimitri Tiveski; nem «La première songe» do russo vermelho Kempte — obras anteriores àquela e que, por coincidência ou não, eram tratadas pelo mesmo processo que Remarque usou. «*Wanderer*», a sua primeira peça, pode, sim, ser considerada uma inexperiência inédita de teatro, embora seja a adaptação ao palco da técnica seguida por êle no romance. «*Wanderer*» (*Viajante*) é o herói-narrador do «A oeste nada de novo», que em vez de subir todo o calvário da guerra, até à morte cruel, na véspera da paz, cai prisioneiro dos russos (Hans, o protagonista do *Wanderer* batalha no *front* oriental, enquanto que o seu sozia do romance combate no *front* ocidental). O drama, que é de grande espectáculo, está dividido em 18 quadros e cinco no cinema, tem *gros-plans*, recantos, ângulos, etc.. As cortinas apertam-se ou alargam-se, dando à scena uma moldura correspondente aos movimentos de uma máquina de *prise-de-vues*. A odisseia de Hans, através da Rússia, as suas trágicas aventuras na Sibéria, na China e no Japão e por fim o regresso ao lar paterno, depois de dar a volta ao mundo, pela América e pela Europa, entrando na pátria pela fronteira ocidental, oferece pretexto a uma sucessão sempre variada de ambiente, heróificando, em cada quadro, um episódio

que seria independente, um drama isolado, sem o fio da ideia social e sem a evolução psíquica que já à obra uma razão unificada. Se um autor por-



A actriz Palmira Bastos que esteve bastante  
docte, e felizmente já livre de perigo

tuguês escrevesse *Wanderer* vêr-se-ia no seguinte dilema: ou aligeirá-la, metendo *girls*, pernas nuas, um fadinho e um *compère* e confiando-a a um teatro de revista, ou então, se conseguisse o milagre de ser aceite por um teatro de declamação, o empresário e êle teriam de sofrer uma crítica arrazadora, por considerar a obra plebeia, um drama-lhão de velho «Príncipe Real», indigna de um palco sério e de um elenco ilustre! Os alemães — empresários, artistas, o público e a crítica, que, é muito possível, estejam na rétuarda de Portugal, fizeram de *Wanderer* um êxito brilhantíssimo. Otto Keyser, um dos actores mais categorizados da Alemanha, encarregou-se do herói, conseguindo uma verdadeira criação.

**O padro lisboeta** — O género «Palais-Royal» não é nem mais pornográfico nem menos «artístico» do que a maioria das revistas que se apossam dos nossos palcos. Várias vezes o tentaram em Lisboa, e com êxito. O Ginásio fez de novo a experiência, e o público afugentou-lhe as mósas que formavam quadrado na sala. Longe de nós preferir êsse género ao da arte pura; mas é preciso compreender que os artistas não vivem do ar... Foi o bastante marcar-se um êxito, para que ardesse Troya. A metralha atirada contra o Ginásio levava o rótulo de «moralidade». Mas terá Lisboa a pretensão de ser mais social do que qualquer outra capital europeia, onde o «Palais-Royal» é ultrapassado até ao exagero, como, por exemplo, nos teatros de Páralelo, de Barcelona? A seguir às peças do «Palais-Royal», o Ginásio levou uma encantadora co-

média, «Noite Louca», um episódio galante do século XVIII, graciosa, talvez brejeira, mas que, em contraste com qualquer revista, era como um léque pintado por David e uma ventarola de reclamação às iscas. Ruborizaram-se certos críticos, indignados, envergonhados, coléricos. E se esses críticos espressem um pouco para a intimidade do público, cuja sociedade (a alta...) eles representam, cujo pudor, eles pretendem defender? Quantas noites loucas, muito mais loucas, não veriam eles, sobretudo no Estoril, que um desses críticos tão de próximo conhece?

Um dos pretextos do combate contra a comédia era o facto de atravessá-la um padre pouco moralista e pouco moral, mas sem calúnia, como se prova estudando um pouco os costumes do século XVIII. A empresa tentou acalmar os protestos dos tais críticos, substituindo o papel de padre pelo do perceptor. E' a primeira vez, que eu saiba, que, em teatros, se transforma assim, uma personagem, após a estreia da peça. Mas de nada lhes valeu essa transigência. A obra estava já no *index* dos bons católicos... Valha-nos Deus!

**Género policial** O Politeama, influenciado pela ressurreição universal do genial detectivesco, vai dar-nos uma obra policial, *O crime da 5.ª Avenida*. Supomos que a peça é espanhola, com rótulo americano. Se assim é, não felicitamos a empresa. Os espanhóis são os piores escritores desse género. Nem imitar sabem. Fizeram do *The Red Star*, que era uma obra prima na sua classe, uma borracheira autêntica. Havendo autores como Wallace, Pimberton e sobretudo como Armstrong, o dos «20.000 Dolares» cujo último êxito, «*The Old Boy*», está já ecoando na Europa, não compreendemos porque motivo se escolhe o pior. Desculpam-se, tratando-se duma tentativa nacional. Estrangeiro por estrangeiro — que se fôsse à certa, pelo melhor.

## CRIMINOLOGIA

(Continuação da pag. 7)

grosseiras, sem linhas finas, tão finas como a arte que executam.

Há notáveis bacteriologistas com mãos de guerra. Há artistas plásticos, cujas mãos parecem de estrangulador, a aceitarmos a critério exposto pelos cientistas.

Stuart Carvalhais, um exemplo frisante, o artista delicado com faíscas de génio, tem umas mãos fortes, uns dedos esmagadores que assustam quasi. E todavia o seu lápis tem a delicadeza de mãos de donzela, a elegância de mãos femininas. As mãos, mesmo através a grafologia, não podem definir uma personalidade ou o carácter do individuo. São sempre enigmáticas, as suas linhas são flechas de pontos de interrogação, muralhas de incógnitas.

Serviram na velha Roma para ocultar o anel com a garra cheia de veneno que inutilizava o inimigo, processo depois seguido por Catarina de Médicis, é sival simbólico dos maçons no seu reconhecimento; serve para mover a guilhotina e decapitar o condenado; é utilizada pela cigana para a «buena decha» nos ludibriar com o futuro, e tem várias utilidades e representa várias locuções.

O que está ainda longe de ser é um elemento classificado de criminoso ou mesmo de santo ou herói, embora com esta verdade não queira estar a verdade de certa ciência.

## Quantos livros se vendem hoje em Portugal?

(Continuação da pag. 10)

livros (livro—profissão de autor; indú de estriador; e comércio de livreiro). Cruzam-se centenas de lamentos e profecias pessimistas, diagnósticos e projectos, deduções e confrontos — sem que surja uma ideia da fricção de tantas palavras. Dai o acolhermos com alvoroço um esboço de estatística que um amigo nosso esquisso, comparando a indústria e o comércio do livro, na generalidade, em Portugal — com o passado e com o estrangeiro. Este *especialista* da estatística que, por mais de uma vez, nos tem concedido revelações dum imprevisito e dum interesse sensoriais, iniciou há pouco o seu estudo neste assunto — e portanto as suas conclusões não são definitivas nem múltiplas. Contudo bastam para holofotear as trevas do problema, que é dos mais graves da crise geral — pois por ele se pode medir o grau evolutivo da nossa mentalidade e a atenção do nosso povo pela leitura — em contraste com os portugueses do século passado e com os outros povos, na actualidade.

A indústria e o comércio do livro só pode ser estudada após a invenção de Guttenberg. Em Portugal o livro tomou, de facto, o aspecto de indústria e de comércio a partir do século XVI — embora já anteriormente existissem mercadores de livros. Nessa época, como agora, a importação suplantava a produção nacional; e mesmo muitas obras nacionais eram impressas na Flandres, na Alemanha, na França, etc. O admirável Cavaleiro de Oliveira, em 1744, editou, duma das suas obras, 500 exemplares — dos quais vieram 300 para Portugal, vendendo-se 150 em poucos meses. A inquisição, em cujo *index* caíra o autor, apossou-se dos restantes, fazendo com eles uma fogueira. Mas, nesses séculos e em relatividade à população do país e ao atraso intelectual do povo, lia-se mais do que hoje, sendo mais vasta, proporcionalmente, a massa dos que amavam a leitura: fidalgos literatos, burgueses ricos e, sobretudo, a imensa fauna clerical. A falta de distrações, o vácuo das noites sem ocupação dilatavam o interesse pelos livros. O século XIX foi o século de ouro para o livro em Portugal, mais pelo favoritismo das circunstâncias do que pelo valor mental dos leitores, embora houvesse já uma *élite* numerosa e atenta ao movimento literário. Camilo, que foi dos nossos escritores o que mais produziu e vendeu, vivendo das suas obras (embora se criasse a lenda contrária) como poucos confrades do século XX o conseguem, é um eloquente exemplo. Escrevendo uma média de três a quatro volumes por ano (em 1867 lançou 5 obras) as suas edições atingiam 2.000 a 3.000 exemplares — o que era pasmoso para a época — e vendendo-se a 20 réis, as suas liquidações trimestrais com os editores regulavam por 600\$00 réis, o que não está de acordo com o desespero pessimista que o dominava, julgando-se eternamente vítima da miséria. Em 1770, com originais e novas edições de livros antigos ameahou mais trezentos, o equivalente a cento e tal contos, nos nossos dias.

O Brasil consumia grande parte da nossa produção. Em 1880 os nossos livreiros venderam 380.000 volumes, aproximadamente, desde 50 réis até 2\$500, sendo 32 % originais inéditos; 5 %

reedições; 53 % traduções, e apenas 10 % de obras em idiomas estrangeiros, sobretudo francesas, inglesas e alemãs. Portugal continental consumiu 47 % (Lisboa 16 %; Porto 11 %, e a provincia 20 %); as ilhas e colónias 12 %, e o Brasil 41 %.

Actualmente, com uma população 14 % superior (era de 4.400.000 e está em 5.100.000) com uma baixa relativamente importante no analfabetismo, com uma indiscutível melhoria mental e intelectual das classes pobres, com uma dilatação das classes médias, o que, em conjunto, deve, ou devia, aumentar, ao todo, a massa dos leitores ou compradores de livros em 50 ou 60 %, a venda anual de livros não atinge 600.000 volumes — 21 % originais inéditos, 7 % de reedições, 56 % de traduções, e 16 % de obras estrangeiras. Apesar de tudo, tendo-se em conta a perda quasi total do mercado brasileiro (baixou de 41 % para 6 %) já a evolução do nosso mercado não se nos afigura tão lenta e desproporcional. Eis, aproximadamente, a actual distribuição: Portugal continental 76 % (Lisboa 28, Porto 20, Provincias, 27); ilhas e colónias 18 %; e Brasil, 6 %.

Os países que mais lêem são Inglaterra (e seus domínios) (só Londres, nas vésperas do Natal de 1930, vendeu 282.000 volumes, não falando em «magazines» e os Estados Unidos. Vem, a seguir, a França, a Alemanha, a Escandinávia, a Áustria, o Japão (o Japão!), a Espanha e Américas Espanholas, a Itália, etc. Portugal fica em décimo sexto lugar após a Suécia e antes da Sérvia! A França, que é considerado o país que *melhor lê*, tem uma produção de 80 % de originais e apenas de 20 % de traduções. Dos originais, 30 % são dos autores românticos do século passado, cujas obras se vendem ainda hoje melhor do que as dos melhores autores modernos. *Candide*, num dos últimos números, calculava que em Paris vendem diariamente 100.000 volumes. Os autores que mais vendem em França são, respectivamente: Dumas pai, Zola, Hugo, Balzac, Sand, Verne, Onhet, Sue, Fenillet, Anatole, Loti, Bourget e Gyp.

## HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

da Arte de Furtar que o Padre António Vieira desconhecia — quantos novos capítulos ele não teria que fazer se refundisse o seu livro célebre... — e contra o qual é necessário pôr de sobre-aviso os ingénios de todos os campos.

COSTA JÚNIOR

## REPORTER X

Vende-se em todas as tabacarias

NO PRÓXIMO NÚMERO:

# As condições do «Grande Concurso de 1932»

Atendendo aos inúmeros pedidos que temos recebido, o «Reporter X» publicará já no próximo número, as condições do «Grande Concurso de 1932»

**Fixador**  
**NALLY**



*Doma os cabelos d'uma ma-  
neira absoluta*